

A IMPORTÂNCIA DOS FATORES SOCIOCULTURAIS NA DETERMINAÇÃO DA POLÍTICA OFICIAL SOBRE O USO RITUAL DE *AYAHUASCA*

Edward MacRae

Torna-se cada vez mais corrente e aceita a noção de que para se fazer julgamentos sobre o uso de psicoativos é necessário levar em conta três aspectos de sua atuação. São os aspectos farmacológicos, relacionados à atuação no organismo da substância em si, o estado psíquico do usuário e o contexto sociocultural em que se dá o uso.

Uma recente resolução do Conselho Federal de Entorpecentes (junho de 1992) serviu para ilustrar mais uma vez a aceitabilidade dessa visão mais complexa do uso de psicoativos.

Retomava-se a discussão de manter a permissão dada a diversas seitas religiosas para que usassem em seus rituais o chá *ayahuasca*, preparado de origem amazônica cujo uso agora se difunde por todo o Brasil e até em alguns países estrangeiros.

A volta dessa discussão foi motivada por uma denúncia anônima, cuja leviandade tornava-se óbvia devido ao despropósito de muitas de suas afirmações, assim como pelo parecer técnico de maior seriedade apresentado pelo professor dr. Alberto Furtado Rahde, ex-conselheiro do CONFEN.

Fundamentando-se no conhecimento científico existente a respeito da atuação farmacológica dos alcalóides

harmina, harmalina, dimetilriptamina, monometilriptamina e tetrahydro-B-carbolina, componentes do chá, o dr. Rahde conclui que a bebida tem uma ação alucinógena, necessitando de maiores estudos farmacológicos e toxicológicos. Sugere também que a bebida seja colocada na lista das substâncias proscritas, a menos que sejam preenchidas certas condições que ele considera necessárias para caracterizar o uso ritual e restrito do chá, mas que na prática implicariam a inviabilização dos rituais dessas seitas fora de uma área geográfica demasiadamente limitada.

Antes de emitir seu julgamento final, o CONFEN consultou outros especialistas na questão. Destes, o dr. Elisaldo Carlini, do Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, e o dr. Isac Karniol, do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da UNICAMP, examinando as implicações farmacológicas e psiquiátricas, emitiram pareceres favoráveis à continuação do uso da *ayahuasca* dentro dos padrões atualmente praticados.¹ Mas, como atestam as abundantes citações no arrazoado do relatório final apresentado aos conselheiros do CONFEN para votação, também tiveram grande influência as considerações de cunho sociocultural feitas pelo antropólogo autor do presente artigo.

Nelas, este autor começava por afirmar que, embora ainda existam muitas lacunas no conhecimento farmacológico e dos efeitos que a *ayahuasca* tem no organismo humano, os aspectos socioculturais têm sido extensamente estudados tanto no Brasil quanto em outros países latino-americanos que compartilham a bacia Amazônica. No Brasil, por exemplo, já foram escritas quatro teses de antropologia sobre o assunto, um estudo histórico (vencedor do Prêmio Suframa da História de 1983) e pesquisas sediadas no Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo e na Escola Paulista de Medi-

cina, realizadas sob os auspícios do CNPq.² O tema também tem sido extensamente pesquisado por estudiosos de outros países.³

Desses trabalhos apreende-se que, embora de uso indígena milenar, o chá *ayahuasca* há muito vem sendo utilizado como parte da medicina popular mestiça em países como Peru, Bolívia e Colômbia. Esse tipo de medicina, como se sabe, deriva muito dos resultados não só da atuação farmacológica de determinados preparados à base de vegetais, mas também do que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss chama de “eficácia simbólica”.⁴ Esta provém de rituais de magia que freqüentemente acompanham a administração dos preparados e vêm há muitos séculos incorporando elementos das culturas indígenas, negras e européias.

Freqüentemente os praticantes dessa medicina popular (muitas vezes os únicos a quem as populações caboclas têm acesso) tonam-se também líderes espirituais em suas regiões, exercendo importantes funções civilizadoras e normativas entre populações marginalizadas e carentes. Na América, tal fenômeno não é recente, datando do início da colonização européia, e não se restringe a regiões geográficas remotas, sendo freqüente sua manifestação entre as camadas desprivilegiadas das concentrações urbanas.

Raimundo Irineu Serra, o fundador do Culto do Santo Daime, a mais antiga seita usuária de *ayahuasca* no Brasil, era um xamã (pajé) desse tipo. Em sua dissertação de mestrado em antropologia, Clodomir Monteiro da Silva ressalta a importância social da seita e dos rituais que giram em torno do uso da *ayahuasca*. Estes contribuíram para integrar à cidade de Rio Branco levas de seringueiros migrantes, geralmente de origem nordestina, que chegavam àquela capital à procura de emprego após o colapso do ciclo da borracha.

Os antropólogos Marlene Dobkin de Rios e Luís Eduardo Luna realizaram estudos detalhados do uso ritual da *ayahuasca* em centros urbanos da Bolívia e do Peru, especialmente nas cidades peruanas de Pucallpa e Iquitos. Também chegaram a conclusões similares a respeito das funções socialmente integradoras dessas práticas.⁵

O processo de constituição de seitas usuárias da *ayahuasca* deve ser visto no contexto maior da implantação de cultos sincréticos nas grandes cidades de todo o Brasil. É relevante notar que os primórdios da seita do Santo Daime remontam ao Círculo de Regeneração e Fé, fundado na cidade de Brasília, AC, no início da década de 20, conforme mostram os antropólogos Clodomir Monteiro da Silva e Fernando de la Roque Couto. Vale lembrar que essa foi a mesma época em que, no Rio de Janeiro, intelectuais da pequena classe média sistematizaram a doutrina da umbanda.

Tal coincidência de datas provavelmente não é fortuita. Além de se basearem nas tradições católicas, espíritas, africanas e indígenas, cujos elementos cada um funde de maneira própria, a umbanda e as seitas usuárias da *ayahuasca* vêm também desempenhando papéis similares ao ajudar a integração social de grupos urbanos marginalizados. Dessa forma, parece justificado incluir as seitas usuárias da *ayahuasca* no rol dos cultos afro-brasileiros, ao lado da umbanda originária do Rio de Janeiro, do candomblé de Salvador, do juremismo e do xangô de Recife etc.

Todos eles, apesar de em alguns casos invocarem uma pureza milenar de tradições africanas, sofreram fortes modificações em seus significados sociais e culturais, advindas da escalada do processo de urbanização ocorrido neste século. Utilizam variadas técnicas para provocar e, em seguida, controlar estados alterados de consciência.

Tais técnicas podem incluir o emprego de instrumentos de percussão, cantigas de efeito hipnótico, jejum e até o consumo de psicoativos – conforme ocorre no culto da jurema ou na umbanda em que, por exemplo, é comum o uso de cachaça e fortes charutos por parte de médiuns que “incorporam” determinados espíritos.

Assim, nas cidades da Amazônia ocidental brasileira, especialmente em Rio Branco, as seitas usuárias da *ayahuasca* ocupam uma posição cultural de importância análoga aos outros cultos sincréticos das demais áreas urbanas do País. Mesmo contando com relativamente poucos adeptos regulares, as seitas são importantes pontos de referência para a população local, que freqüentemente recorre a seus serviços em momentos de crises espirituais ou de saúde.

De forma similar a esses outros cultos, o Santo Daime (originalmente quase que restrito à população negra local), com o passar do tempo, aglutinou adeptos provenientes de outras camadas sociais, adquirindo importância na vida política local. Exemplo disso foi a relação mantida por Raimundo Irineu Serra com Guiomard dos Santos, ex-governador do Acre, que fazia questão de ser visto freqüentando sua casa e que intermediou a doação das terras onde Serra instalou um dos primeiros centros de seu culto, em Vila Ivonete, na periferia de Rio Branco. Atualmente essa relação amigável com certas autoridades do poder constituído persiste, conforme atesta a entrega pelo presidente Sarney (1985-90) de vasta área ao Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (uma das vertentes atuais do Santo Daime) para a constituição de uma reserva extrativista na Amazônia.

Da mesma forma como vem ocorrendo com o candomblé, por exemplo, os cultos usuários da *ayahuasca* têm atraído adeptos de outras regiões geográficas e de ou-

tras classes sociais, sem perder, no entanto, seus aspectos socialmente integradores. Na década de 70, um dos seguidores de Raimundo Irineu Serra, o ex-seringueiro Sebastião Mota Melo, liderou um centro daimista na região de Rio Branco que atraiu muitos membros da geração “pé na estrada”, fornecendo a eles, em alguns casos, o sentido moral e espiritual para a vida, cuja procura motivara, até então, suas andanças.

Sabe-se que o fenômeno *hippie* no Brasil da década de 70 foi, em boa parte, uma manifestação de contestação cultural, uma das poucas alternativas abertas para aqueles que desejavam demonstrar sua insatisfação com o sistema ditatorial então vigente. Impossibilitados de expressarem seu descontentamento por meio dos canais políticos partidários, muitos optaram por um questionamento radical dos valores da sociedade constituída, entregando-se frequentemente a uma relação orgiástica e desregrada com substâncias psicoativas.

Obviamente, a atração inicial que sentiam pela comunidade liderada por Sebastião Mota Melo estava em grande parte relacionada ao uso da *ayahuasca*, que muitos imaginavam ser simplesmente mais um “barato”. Porém, a maneira ritualizada pela qual o chá era servido levava-os gradualmente a se interessarem pela “doutrina” como um todo, para darem sentido a suas experiências de alteração da consciência. Uma das primeiras lições aprendidas era tratar essas experiências como manifestações do sagrado, observando condutas altamente regradas, e abstinência periódica de sexo e álcool. Dessa forma, muitos foram aceitando uma série de limites e controles, adotando aos poucos os austeros e ordeiros preceitos da vida daimista.

Muitos desses *hippies* ou “mochileiros” eram filhos da classe média das grandes metrópoles do Sudeste. Conseqüentemente, ao voltarem para seus locais de origem, pas-

saram a difundir seus novos ideais religiosos entre membros de classes sociais mais altas, chegando até a conquistar alguns poucos adeptos entre artistas de televisão e da música popular. Isso logo atraiu a atenção de jornalistas ávidos por apelos sensacionalistas para suas matérias. Assim, nos últimos anos, os meios de comunicação têm dado bastante cobertura a algumas dessas seitas, privilegiando, especialmente, os seguidores mais glamurosos de Sebastião Mota Melo.

Essa atenção tem contribuído para a promulgação da idéia de que o uso ritual da *ayahuasca* estaria se alastrando rapidamente pelo Brasil, noção bastante exagerada quando se compara o reduzido número de adeptos das seitas ayahuasqueiras (estimados em 8 mil aproximadamente) às legiões de pentecostais e umbandistas, por exemplo.

Devido a essa cobertura pelos meios de comunicação e à sua difusão geográfica, os seguidores de Sebastião Mota Melo têm recebido mais atenção de estudiosos do que os seguidores de outras seitas ayahuasqueiras, ainda restritas em sua maioria às cidades da Amazônia ocidental, principalmente Rio Branco e Porto Velho. Mas embora algumas sejam de história mais recente, todas têm em comum o fato de serem sincretismos, mesclando, cada uma a seu modo, elementos católicos, espíritas, indígenas e negros, em doutrinas que pregam uma vida austera. Originalmente, atraíam adeptos quase exclusivamente entre as massas marginalizadas urbanas, embora hoje algumas, como o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UDV, contem com seguidores recrutados entre as elites dirigentes do País.

Assim como as outras seitas afro-brasileiras, as usuárias de *ayahuasca* têm uma tendência à fragmentação e, conforme se pode ver pelo quadro abaixo, existem atualmente várias vertentes das doutrinas iniciais.

SEITAS USUÁRIAS DA AYAHUASCA NO BRASIL⁶

<i>Fundador</i>	<i>Nome da bebida</i>	<i>Nome do centro, localização e responsável</i>
Antônio Costa e Raimundo Irineu Serra década 1920 Brasiléia, AC	Daime (?)	Círculo de Regeneração e Fé Brasiléia – não se tem mais notícia de suas atividades
Raimundo Irineu Serra 1931 Rio Branco, AC	Daime	CICLU (1) – Centro de Iluminação Cristã Luz Universal – Alto Santo Colônia Custódio Freire Periferia de Rio Branco, AC, 1945 Peregrina Gomes Serra CICLU (2) – Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Colônia Custódio Freire Periferia de Rio Branco, AC, 1981 Luís Mendes CEFLURIS – Centro Eclético de Fluente Luz Universal, Raimundo Irineu Serra Sede localizada desde 1988 na Vila Céu do Mapiá, Pauini, AM Conta com numerosas igrejas filiadas em Rio Branco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Amazonas, 1974 Alfredo Gregório de Melo
Daniel Pereira de Matos 1949 Rio Branco, AC	Daime	Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz Zona urbana de Rio Branco Bairro de Vila Ivonete, 1947 Manoel Hipólito de Araújo

<i>Fundador</i>	<i>Nome da bebida</i>	<i>Nome do centro, localização e responsável</i>
		Centro Espírita Daniel Pereira de Matos Zona urbana de Rio Branco Bairro de Vila Ivonete, 1979 Antônio Geraldo da Costa
José Gabriel da Costa 1961 Porto Velho, RO	Vegetal	Centro Espírita Beneficente União do Vegetal - UDV Zona rural e urbana de Porto Velho, sede geral em Planaltina, DF e centros nas principais capitais do País, 1962 Raimundo Braga
	Daime	Centro Espírita Fé, Luz, Amor e Caridade - Terreiro de Maria Bahiana Zona rural de Rio Branco, à margem esquerda do rio Acre

Constata-se, portanto, que atualmente o uso ritual da *ayahuasca* tornou-se elemento de central importância na vida de indivíduos provenientes das mais diversas classes sociais em várias regiões do Brasil, exercendo, em muitos casos, funções socialmente integradoras análogas às desempenhadas nas periferias urbanas amazônicas. Entre os adeptos do Santo Daime residentes em São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, encontram-se numerosos jovens adultos de classe média com um passado de uso desregrado de drogas e com dificuldades de inserção numa sociedade que atravessa severa crise social, econômica e moral. Pertencer à seita supre-os com um importante referencial moral, além de introduzi-los em uma rede de sociabilidade capaz de lhes fornecer oportunidades de emprego, lo-

cais de moradia, assim como projetos de vida voltados para a comunidade. É também notável como o engajamento nessas seitas frequentemente leva ao apaziguamento de tensões familiares, reconciliando os jovens com os mais velhos.

Conclusões

Respondendo a perguntas específicas formuladas pelo relator do CONFEN, o parecer antropológico finalizava reiterando de maneira mais sucinta certas idéias consideradas de importância para se estabelecer uma política oficial em relação ao uso ritual da *ayahuasca*.

a) Quanto ao interesse cultural da *ayahuasca* ter um uso ritual urbano no Brasil há quase setenta anos, lembra que esse é aproximadamente o mesmo tempo de existência da umbanda e que, assim como no caso dela, o uso religioso do chá psicoativo ensejou a criação de instituições que provêm muitas pessoas com os arcabouços éticos, sociais e culturais, em torno dos quais construíram suas vidas.

Os diversos estudos antropológicos e históricos realizados sobre esse uso da bebida têm ressaltado a conduta pacífica e ordeira dos adeptos das diversas seitas, cujos valores básicos coincidem com aqueles considerados emblemáticos das sociedades cristãs ocidentais. Longe de levar a um uso abusivo e destrutivo de substâncias psicoativas, a tendência mais notada é a de promover estilos de vida recatados e austeros, voltados para o culto à espiritualidade e aos valores familiares e comunitários.

b) A alegação de que a *ayahuasca* teria excedido o seu "uso local de origem" na floresta amazônica deve ser abordada levando em consideração o uso já arraigado em diversas áreas urbanas amazônicas, em diferentes países, desde no mínimo os primórdios do século XX. Deve-se,

também, atentar para a falácia que consiste em conceber os habitantes da floresta amazônica como portadores de uma cultura tradicional “autêntica” estanque, cujos valores estariam hoje sendo desvirtuados pelo contato com a civilização. Lembra-se que, devido às suas hidrovias, a região amazônica foi uma das primeiras áreas do Novo Mundo a ser explorada pelos europeus e que, desde o descobrimento, vem ocorrendo uma troca intensa de produtos e de tradições culturais entre a Amazônia e as grandes metrópoles mundiais. Em certos casos, o comércio de produtos da floresta é há muito realizado pelos próprios povos indígenas.

c) Finalmente, quanto a uma avaliação sociocultural da noção de “uso ritual e restrito” frequentemente proposto como política a ser adotada em relação à *ayahuasca*, deve-se perguntar o que exatamente se quer dizer com o termo “restrito”. Se com isso busca-se reforçar a noção de que o uso do chá deve ser limitado aos cultos religiosos, vedando-se seu uso profano, não se teria nenhuma objeção a fazer, embora tal medida fosse relativamente inócua, uma vez que é mínimo o uso extra-ritual da *ayahuasca*. Por outro lado, se com essa expressão pretende-se restringir o uso do chá a determinadas áreas geográficas, como a floresta amazônica, por exemplo, tal proposta seria inaceitável devido aos sérios problemas sociais que engendraria.

Tal restrição seria equivalente à proscrição dos serviços religiosos mais importantes das diversas seitas ayahuasqueiras que, conforme já foi visto, são e sempre foram predominantemente urbanas. Essa proscrição acabaria sendo contraproducente, pois acarretaria o enfraquecimento das estruturas centralizadoras e hierárquicas das seitas que exercem um papel fundamental no controle do uso do chá. Esse controle, até agora, tem-se mostrado altamente eficaz, tendo em vista a atuação ordeira e socialmente inofensiva das diversas seitas.

Mais uma vez deve ser lembrado que o uso da *ayahuasca* tem sido considerado legítimo até agora, e que um grande número de pessoas investiram suas vidas nesses cultos, tornando-os centrais para as suas identidades sociais, individuais e espirituais.

A história da humanidade é pródiga em exemplos da insensatez que são a intolerância e a perseguição religiosa, cujos principais efeitos parecem ser a exacerbação do fanatismo de uns e da prepotência arbitrária de outros. No Brasil, isso pôde ser constatado durante o período getulista, quando a repressão aos cultos afro-brasileiros causou sérios problemas sociais, deixando evidente a natureza preconceituosa e injusta do regime. A própria tradição cristã é rica em modelos de martírio pela fé, que poderiam servir de exemplo para os adeptos das seitas ayahuasqueiras em seus protestos contra a proscrição de seus rituais.

Levando-se em conta a importância dos aspectos socialmente integradores dessas seitas, tem-se como corolário que o seu enfraquecimento somente contribuiria para a debilitação da coesão social, suscitando sentimentos de revolta e devolvendo à anomia muitos daqueles que encontraram nesses cultos o significado para as suas vidas.

Assim, é importante reiterar que restringir arbitrariamente a celebração dos cultos ayahuasqueiros a determinada região geográfica significaria negar a noção de que o Brasil é um todo jurídico e culturalmente integrado, e seria tão insensato e contraproducente quanto tentar confinar o candomblé à Bahia, o luteranismo às colônias alemãs do Sul ou o pentecostalismo aos descendentes de norte-americanos.

O relatório final sobre a questão, produzido pelo conselheiro do CONFEN, dr. Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá, favorável à manutenção da *ayahuasca* fora das

listas oficiais de substâncias de uso proscrito, foi aprovado por unanimidade pelos outros membros do CONFEN. Mas além de dar uma resolução mais definitiva para a questão do uso ritual da *ayahuasca*, essa decisão serviu também para reforçar mais uma vez a noção de que os aspectos socioculturais são uma faceta cuja importância deve sempre ser levada em conta na determinação de políticas públicas sobre o uso e abuso de psicoativos.

Aderiu-se assim ao ponto de vista do falecido médico norte-americano Norman Zinberg, conceituado pesquisador da área de psicoativos, para quem o controle exercido pelo meio social tem grande eficácia sobre os resultados produzidos pela utilização de psicoativos tanto em termos da percepção dos efeitos por quem o ingere quanto em relação às conseqüências sociais dessa prática.⁷

NOTAS

1. A resposta de Carlini enfatiza que os possíveis prejuízos para o organismo dependeriam da liberação maciça de noradrenalina, cujo agente liberador mais conhecido seria a tiramina e que poderia resultar em crises de hipertensão. Mas, para ocorrer essa liberação, seria necessário que o consumidor da bebida viesse a ingerir grandes quantidades de queijos altamente fermentados (tipo Camembert) ou doses elevadas de certos vinhos, práticas pouco comuns entre os adeptos das seitas. Quanto às alterações na mente do usuário, estas não significam modificação de personalidade, mas sim alterações temporárias de seus estados sensoriais. Tais alterações mentais são, além do mais, passíveis de serem canalizadas para um lado positivo na vida social e individual e não significam, necessariamente, situações negativas, prejudiciais ou patológicas. Em sua resposta, Karniol considera que a proibição do uso religioso do chá seria uma violência muito maior que a produzida por seus eventuais efeitos colaterais. Quanto à possibilidade de reações muito prejudiciais ao organismo, ele as considera como não comprovadas, assim como não o foram as alegadas modificações severas de personalidade. Tampouco significariam necessariamente situações

negativas prejudiciais ou patológicas os estados alterados de percepção, ânimo e comportamento provocados pela ingestão da *ayahuasca*.

2. São os seguintes estudos:

Couto, Fernando de la Roque. "Santos e xamãs – Estudos do uso ritualizado da ayahuasca por caboclos da Amazônia e, em particular, no que concerne à sua utilização sócio-terapêutica na doutrina do Santo Daime". Tese de mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília, 1989.

Dias Jr., Walter. "O império juramidan nas batalhas do astral – Uma cartografia do imaginário no culto do Santo Daime". Tese de mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

Fróes, Vera. *História do povo juramidan – A Cultura do Santo Daime*. Manaus, Suframa, 1986.

Groisman, Alberto. "Eu venho da floresta: Ecletismo e práxis xamânica daimista no céu do Mapiá". Tese de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

MacRae, Edward. *Guiado pela lua – Xamanismo e o uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

Silva, Clodomir Monteiro da. "O palácio de juramidan – Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição". Dissertação de mestrado em Antropologia Cultural, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

3. Ver, por exemplo, todo um número da revista *América Indígena* dedicado ao assunto.

America Indígena, vol. XLVI, nº 1, enero-marzo, 1986.

Perlongher, Nestor. *La force de la forme. Notes sur la religion du Santo Daime*. Sociétés, nº 29, Paris, 1990.

4. Lévi-Strauss, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1988, p. 215.

5. Luna, Luis Eduardo. *Vegetalismo shamanism among the mestizo population of the Peruvian Amazon*, Estocolmo, Almqvist and Wiksell International, 1986.

Rios, Marlene Dobkin de. *Visionary vine – Psychedelic healing in the Peruvian Amazon*. San Francisco, Chandler Publishing Co., 1972.

6. Quadro adaptado da tese de Antropologia de Fernando de la Roque Couto, "Santos e xamãs", Universidade de Brasília, 1989.

7. Segundo Zinberg, o controle social do uso de substâncias psicoativas é regido por sanções e rituais sociais.

I. Sanções sociais. Determinam se e como certa substância deve ser usada. Podem ser informais, compartilhadas por um grupo ou formalizadas por leis e regulamentos. Elas consistem em valores e regras de comportamento.

II. Rituais sociais. São os padrões estilizados de comportamento esperados em relação ao uso do psicoativo. Servem como reforço e símbolo das sanções sociais. Os rituais sociais estão diretamente ligados a:

- métodos de aquisição e consumo da substância;
- a escolha do meio físico e social para o uso;
- as atividades desenvolvidas após o uso.

(Zinberg, Norman. *Drug, set and setting*. New Haven, Yale University Press, 1984, p. 5.)